

UM “EU” DE GRACILIANO RAMOS QUE SE DESDOBRA EM DIVERSOS “EUS” NO ROMANCE

Gabriela Pacheco Amaral¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar como ocorre o discurso de desigualdade na narrativa de vida, *Infância*(1945), de Graciliano Ramos. Como também, buscaremos compreender como esse discurso pode acarretar em desdobramentos dos “eus” de Ramos em seu romance. Nossa perspectiva metodológica parte dos pressupostos da Análise do Discurso, mais especificamente, tentaremos realizar um diálogo entre os conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin (1970) com os postulados de Pêcheux (1990) sobre as formações discursivas e também com o modo de organização do discurso enunciativo da Semiologia de Charaudeau (1983), este último que irá nos possibilitar a apreensão dos pontos de vista do romancista nordestino. Compreendemos, pois, que os desdobramentos dos “eus” de Graciliano podem ser verificados a partir de posicionamentos ideológicos que o mesmo expõe em sua autobiografia, *Infância*.

Palavras-chave: Desdobramentos. Vozes. Análise do Discurso.

Abstract

The objective this paper is to analyze how is the inequality discourse in the life narrative, *Infância* (1945), of Graciliano Ramos. We seek, too, understand how this discourse can do a dividing of “I” of Ramos in his novel. Our theoretic perspective is about the prepositions of the Discourse Analysis. More especially, we will try do a dialogue with the concepts of dialogism and polyphony of Bakhtin (1970), with the concepts of Pêcheux (1990) about discursive formations and with the method of organizing discourse enunciation of the Semiology theories of Charaudeau (1983), this last concept we will allow the understanding of the viewpoints of novelist. We understand that the dividing of “I” of Graciliano can be analyzed in view of the ideological positions that the Graciliano shows in the autobiographic, *Infância*.

Keywords: Dividing. Voices. Discourse Analysis.

Introdução

Graciliano Ramos nasceu no Alagoas em 1892, em um período de transição da política brasileira, nessa época, a República tinha sido proclamada somente há três anos, em 1889. A situação do Brasil era de muitas crises econômicas, disputas políticas e

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, na área da Análise do Discurso, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/ Brasil. Contato eletrônico: gabriela-pa-169@hotmail.com.

muitas incertezas quanto ao futuro dos brasileiros. Com o surgimento da República desencadeou-se uma descentralização econômica e financeira que foi propícia para a emergência do capitalismo no país, beneficiando principalmente as oligarquias cafeeiras.

O pai do romancista, Sebastião Ramos de Oliveira, estava bem distante do império dos canaviais, já que era um senhor do engenho arruinado e mantinha uma loja de tecidos. Posteriormente, deixou o ramo do comércio para começar a trabalhar com a criação de gado e comprou uma fazenda, onde foi morar com a família. Porém, veio a seca e com ela várias mortes dos animais da propriedade. Então, a solução encontrada pelo patriarca foi de abandonar a fazenda e voltar para o comércio.

Dito isso, percebemos como se deu o contexto social e histórico de Graciliano Ramos: cheio de crises, incertezas, secas, mortes. Situações essas que podem ter contribuído para o estilo literário e o posicionamento ideológico nos romances do autor, pois, como bem afirma Brunacci (2008, p. 27): “O escritor é, antes de tudo, um ser social”. Isso significa entender que o escritor pode deixar escapar em suas obras o seu posicionamento quanto a assuntos da sociedade que pode ser percebido devido a algumas pistas no fio do discurso e do estilo adotado por ele. No caso do escritor nordestino, notamos que aborda em seus romances questões de desigualdade social, injustiças e pessimismo quanto ao país.

Já em suas primeiras obras, o autor deixava-se revelar o posicionamento ideológico em seus escritos. Aos doze anos ele fazia parte da fundação do jornal infantil *Dilúculo*, e a estreia do jornal contava com o primeiro conto de Ramos, *Pequeno Mendigo*. No primeiro protagonista e na temática do conto já percebemos o viés ideológico e literário dele. O que convenhamos, trata-se de uma abordagem literária um pouco incomum para a faixa etária do autor, mas de qualquer forma, mostra a sensibilidade da visão de mundo do pequeno escritor para as desigualdades sociais e financeiras.

No período da ditadura militar, mais especificamente em 1936, o romancista é preso por alegações políticas de participar do comunismo. Contudo, não existiam provas da participação dele nesse movimento, em *Memórias do Cárcere* (1953) o escritor revela que não era comunista no período da ditadura, o que só veio acontecer em 1945 quando ingressa no Partido Comunista do Brasil. Antes de ser preso, ela já havia publicado *Caetés* (1933) e *São Bernardo* (1934), diante disso, cogitava que sua prisão ocorrera devido à abordagem da desigualdade social em suas obras e em seus artigos publicados na imprensa, uma vez que não havia motivos concretos para a prisão, tanto

que não fora processado nem acusado posteriormente; “ele foi preso por questões ideológicas” (ABEL, 1999, p. 100 – 101).

Nesse sentido, o autor ao escrever seus romances e sua autobiografia deixa transparecer, consciente ou inconsciente, seus posicionamentos ideológicos que foram adquiridos ao longo de sua vida. Uma forma de se perceber esses traços ideológicos é a análise de algumas formações discursivas que estão presentes na narrativa de vida, *Infância*². Antes disso, porém, convêm discorreremos brevemente sobre as formações discursivas e sobre a heterogeneidade constitutiva do discurso.

As Vozes na Formação Discursiva

Pêcheux, nos anos 1960, postula as teorias que culminaram com a fundação de uma disciplina, nomeada Análise do Discurso (doravante AD), a qual em sua base e primórdios vê-se uma estreita relação entre o discurso, a ideologia e o sujeito.

Os estudos ideológicos de Althusser (1985) influenciaram diretamente os trabalhos de Pêcheux na constituição dessa disciplina, o que pode ser visto, mais especificamente em seu livro *Ideologia e aparelhos ideológicos* publicado em 1971. Neste, o autor considera que as ideologias que interpelam os sujeitos são produzidas nos aparelhos ideológicos do estado.

Entre as instituições que produzem tais aparelhos podemos citar a igreja, a escola, a família, o sistema jurídico, entre outras. A igreja, com seus dogmas acaba por influenciar a mente dos indivíduos que a frequentam e levam demasiadamente a sério tudo o que ouvem de padres, pastores, rabinos, etc.; a escola, por sua vez, também tende a reproduzir um sistema inibitivo ou na melhor das hipóteses, uniformizado, que visa passar conhecimentos, mas, se houver por parte dos alunos, obediência e disciplina, para melhor apreensão das ideias transmitidas. O sistema jurídico dita leis que regulam o Estado e os cidadãos. A família é também um local onde se produzem os aparelhos ideológicos do estado que podem marcar seus membros, de maneira positiva ou negativa, conforme os casos.

Citemos um exemplo, reproduzido por Pêcheux (1995), no qual a ideologia interpela os sujeitos: o comportamento de um soldado. Segundo ele, é de conhecimento

² O romance *Infância* é uma autobiografia de Graciliano Ramos no qual ele conta sobre as suas experiências de vida até os 14 anos de idade. Nessa obra, deparamos com memórias do jovem escritor sobre diversos aspectos de sua infância, como o início da escolarização, a timidez, as agressões do pai, as injustiças que o romancista presenciava.

da maioria das pessoas que o soldado “precisa” ser corajoso, sério, comportado e não pode recuar diante do perigo e da guerra. Assim, é por meio do hábito e do uso desses saberes sobre a atitude e o modo de ser do soldado que a ideologia determina o que é e o que deve ser de algo ou alguém na sociedade.

Uma ideologia, em resumo, seria uma forma de pensamento, um credo, que visa influenciar/dominar um indivíduo ou um grupo de indivíduos e pode ter um aspecto religioso, moral, jurídico, político, de posição de classe, etc.

Um dos conceitos desenvolvidos por Pêcheux que está restritamente relacionado às ideologias é o de formação discursiva (doravante FD), a qual consiste em determinar o que numa dada conjuntura social deve e pode ser dito.

Nas FD's – e no uso geral da língua – o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, pois ele é determinado pelas posições ideológicas que atuam no processo social e histórico no qual as palavras são produzidas. As mesmas palavras podem mudar de sentido ao passar de uma FD para outra, e, do mesmo modo, as palavras “literalmente diferentes” podem ter o mesmo sentido no interior de uma mesma FD. De acordo com Orlandi (2001), o discurso adquire algum sentido na medida em que o dito do sujeito se inscreve em uma FD e não em outra. Por consequência, será o contexto que determinará o sentido de um enunciado.

Consideramos, com Pêcheux (1995), que ideologia não é algo constituído somente por ideias; implica também uma prática significante que aparece como o efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história. Esse conceito, segundo o autor supracitado, fornece os saberes em que todos os sujeitos conhecem “o que é” e “como deve ser” algo ou alguém que ocupa uma posição social. Será por meio dela que o sujeito sabe as diferenças entre patrão e funcionário, entre professor e aluno, sobre a diferença de comportamentos na casa, na escola, na igreja. Diante dessas reflexões, poderíamos considerá-la como um conjunto de conhecimentos referentes às questões de identidade, comportamento e posição social.

No entanto, concordamos também com a adoção do conceito de Charaudeau (2006) quando este considera que a ideologia poderia ser pensada em termos de *imaginários*, já que esse sintagma carregaria um sentido histórico marxista de luta de classes. Na perspectiva dele, os *imaginários sociodiscursivos* podem ser compreendidos por meio dos mais diversos saberes compartilhados nas representações socioculturais de um grupo sobre o mundo, o espaço, o tempo, os indivíduos, os comportamentos e os valores.

As crenças e os costumes nos rodeiam a todo o momento em nosso cotidiano e, de certo, fazem parte da sociedade e da cultura de um determinado conjunto de pessoas. É por meio deles que é possível identificar a identidade de um povo, de um país e de uma classe social. Assim, as práticas e os costumes de um grupo de sujeitos acarretam em uma ideologia, a qual consideramos tratar-se de um conjunto de crenças, saberes, pontos de vista, costumes e visão de mundo de um dado conjunto de sujeitos. Por conseguinte, existem diversas ideologias nas quais o sujeito se enquadra, uma vez que ele as considera compatíveis com sua identidade e com sua visão de mundo. Isto posto, as ideologias têm sentidos para os sujeitos, já que elas representam as identificações que o sujeito tem de si e do mundo.

Para se pensar nos efeitos de sentido da FD há que se levar em conta a posição do sujeito e as condições de produção, pois a posição social e a identidade do sujeito-falante podem determinar a relação de força do discurso entre os sujeitos presentes na comunicação (PÊCHEUX, 1995). As condições de produção são constituídas por duas dimensões, uma restrita e a outra, ampla, desse modo, na dimensão restrita vemos o contexto de enunciação imediato, em que temos os sujeitos-falantes em uma dada situação. Na dimensão ampla são inseridos elementos relevantes no que diz respeito aos dados sociais, históricos, aos imaginários sociais e ideológicos (ORLANDI, 2001). Em suma, para interpretar os sentidos de uma FD, se faz necessário levar em consideração a identidade do sujeito, o explícito e o implícito do enunciado, bem como as informações contextuais da produção do discurso.

Ainda sobre as FD's, para Pêcheux, “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas[...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 148). Esse “todo complexo com dominante” é o interdiscurso. Este representa algo que já foi dito antes e em outro lugar (PÊCHEUX, 1995, p. 148). Orlandi considera o interdiscurso como a memória acionada na produção do discurso, ou seja, ele é “[...] aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído” (ORLANDI, 2001, p. 31).

O interdiscurso é reproduzido pelos sujeitos por meio de paráfrases, que representariam a mesma concepção e formulação discursiva de um mesmo tema, ou seja são palavras ou formulações diferentes para se dizer a mesma coisa. Com o uso discursivo da polissemia há uma ruptura e um deslocamento sobre o tema, é um

caminho inverso da paráfrase. Poderíamos considerar que são palavras parecidas que em dados enunciados se inscrevem em FD diferentes.

Com esse pressuposto de que o interdiscurso consiste nos já ditos, evocamos os estudos de Bakhtin em torno da linguagem. Ao apresentar a noção de dialogismo, o autor corrobora sobre os diversos já-ditos que compõem o discurso. Nesse âmbito é possível compreender que os discursos não são originais e homogêneos, mas sim, constituídos de diversos dizeres que foram e são proferidos em diferentes situações e épocas.

Ao refletir sobre a natureza dialógica bakhtiniana do discurso, Fiorin (2006), relata que o discurso ocorre pelo entrelaçamento de dois ou mais enunciados, dessa maneira, ele sempre é atravessado pelo discurso alheio. Quando o sujeito-falante produz um discurso, automaticamente são produzidos diversos outros já ditos sobre o assunto, tema ou problematização. Por conseguinte, todo enunciado é heterogêneo, já que é transpassado por múltiplas vozes.

Se o discurso é dinâmico e dialógico, assim também são as FD's, pois não são fechadas em si. Pelo contrário, dialogam e se contradizem, de modo a não existir uma FD pura que não se contamina ou não seja atravessada por diversas outras perspectivas, como Pêcheux argumenta:

É necessário [...] definir a relação interna que ela [*formação discursiva*] estabelece com seu exterior discursivo específico, portanto, determinar as invasões, os atravessamentos constitutivos pelas quais uma pluralidade contraditória, desigual e interiormente subordinada de formações discursivas se organiza [...] (PÊCHEUX, 1990, p. 254).

O sujeito pode ocupar algumas modalidades de tomada de posição referente a uma FD, no qual pode haver uma identificação plena ou uma contraposição ao sujeito universal. Na identificação plena, Pêcheux o denomina como modalidade do “bom sujeito”, na contraposição será o “mau sujeito”. Há também uma terceira modalidade, no qual “ocorre um deslizamento e uma desidentificação com uma FD, para depois haver uma identificação com outra” (ELICHIRIGOITY, 2007, p. 80). Cabe lembrar que na ótica da heterogeneidade da FD, não se pode pensar em uma homogeneidade em tomadas de posições, pois o sujeito sofre um desdobramento em diversas posições ao se relacionar com as ideologias, assim, podemos pensar em uma fragmentação na forma do sujeito se posicionar diante de uma FD.

Em síntese, compreendermos que no íntimo de um sujeito há uma oposição, uma luta de pensamentos, de ideologias, de pontos de vista. No discurso, podemos analisar essa heterogeneidade e a presença de discursos que ora se assemelham, ora são conflitantes. Visto que não há um ponto de vista ou uma posição ideológica unificada e homogênea, já que o discurso é tomado e atravessado por posições e ideologias semelhantes e contraditórias.

Segundo Mesquista e Rosa (2010) a heterogeneidade das FD's pode ser analisada pelo funcionamento dos elementos interdiscursivos no discurso, assim uma FD pode ser atravessada por outras vozes, outros sujeitos, outros discursos sociais e históricos e outras ideologias. Dessa maneira, o sentido de um enunciado depende da interação desses elementos. Chegamos, nesse sentido, aos estudos de Bakhtin sobre o dialogismo.

O Dialogismo no Discurso e no Sujeito

A concepção do dialogismo na perspectiva de Bakhtin trata-se da compreensão de que quando o sujeito-falante produz um discurso, automaticamente são evocados diversos outros já ditos sobre o assunto, tema ou problematização que é enunciado. Por conseguinte, todo enunciado é heterogêneo, já que é transpassado por múltiplos discursos e são, portanto, essencialmente dialógicos.

O enunciado não existe exteriormente às relações dialógicas dos discursos, dado que ele é constituído justamente por esse diálogo. Nele, sempre, estarão nuances, alusões e lembranças de outros enunciados, com os quais ele concorda, confirma, completa, refuta, isola e/ou contradiz. Com essa perspectiva de que o discurso se constitui a partir de outro discurso, há que se considerar que existem, no mínimo, duas vozes em sua existência. Por mais que elas não estejam explícitas no fio do discurso, estarão sempre nele presentes. Isso porque o enunciado revela duas posições, a que se enuncia e a oposição ao qual é construída (FIORIN, 2006).

O discurso se apresenta como um produto da inter-relação entre os discursos e os sujeitos. Todo enunciado é penetrado pelo exterior, de modo que não existe palavra neutra, já que é carregada de outros dizeres e de imaginários que são adquiridos ao longo de sua existência, são carregadas de sentidos. De tal maneira, o dialogismo é a base do sentido, pois este se dá justamente pelo entrecruzamento de diversos discursos (ARAÚJO, 2015).

Segundo Bakhtin (2002), existem vários outros dizeres sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema que circulam na sociedade. O objeto do discurso está “amarrado” e “penetrado” por amplas ideias, por pontos de vista, por julgamentos alheios. Assim, o enunciado adquire múltiplos “fios dialógicos” que surgem de vários momentos sociais e históricos, que se evoluem, se repassam, se transformam e se repetem ao longo de sua existência. Nesse sentido, há uma interação complexa entre os diversos pontos de vista, de ideias e julgamentos. Eles se entrelaçam, se contradizem, alguns se isolam, alguns se amalgamam, outros se cruzam. Por conseguinte, todo esse “jogo” complexo entre os dizeres é que forma substancialmente e constitutivamente o discurso.

Uma outra forma do dialogismo se manifestar no discurso será por meio da polifonia, já que nos pressupostos de Fiorin (2006), este conceito pode ser pensado como um dialogismo que se apresenta de forma composicional, explícita no fio do discurso.

Em síntese, o dialogismo e a polifonia são as múltiplas vozes que estão na natureza constitutiva do sujeito e do discurso. Ambos os conceitos estão inter-relacionados, não há uma dicotomia entre eles. Poderíamos pensar que a polifonia é a heterogeneidade de vozes marcadas e explícitas no fio do discurso, no qual o sujeito tem a consciência da alteridade do discurso alheio. Assim, a polifonia é o dialogismo circunscrito, nítido, claro na conjuntura do enunciado. O dialogismo, por sua vez, é inerente, é próprio do discurso, e em sua maioria, o sujeito desconhece essa heterogeneidade constitutiva, mas ela sempre está ali presente, velada, aludida, implícita no seio do enunciado.

A subjetividade do sujeito é construída pelo e no conjunto da interação social do qual ele participa. Do mesmo modo que o discurso, o sujeito é essencialmente constituído pelo outro, ou seja, o sujeito e o discurso são naturalmente heterogêneos. O sujeito é instituído pelas múltiplas vozes que se interagem no meio social que o circunde, e impregna-se não somente de uma voz, mas de diversas delas. No âmago do sujeito há uma heterogeneidade de vozes sociais que podem estar em relação de concordância ou discordância. Todavia, ele não é totalmente assujeitado a essas vozes, visto que cada sujeito tem seu modo único de interagir e participar do dialogismo. A heterogeneidade das vozes na sociedade “permite a constituição de sujeitos únicos” (FIORIN, 2006, p. 55 -58).

Machado, à luz dos pensamentos bakhtinianos, afirma que nos sujeitos-comunicantes aflora uma polifonia interna que os comanda. Na narrativa de vida, essa

polifonia interna pode ser percebida quando ao narrar sobre seu passado inevitavelmente estarão ali presentes e em constante diálogo o “eu” do passado com o “eu” do presente. Também em uma narrativa de vida, e até mesmo em enunciados “[...] vozes ou sujeitos que se desdobram: um sujeito fala de sua vida íntima enquanto um outro explica um percurso de sua vida profissional” (MACHADO, 2014, p. 111).

O sujeito é heterogêneo por natureza, e por isso sempre em seu íntimo haverá uma multiplicidade de vozes, de “eus” que dialogam, que refutam, que se opõem, que se complementam. Algumas vezes, será no silêncio do sujeito que esse embate pode se desvendar com mais força.

Dito isso, percebemos que o sujeito estará sempre em constante relação com o seu exterior e com o interior. Essa também é a natureza constitutiva do discurso, o dialogismo é quem vai criar as possibilidades das emersões dos discursos nos sujeitos e na sociedade.

Como Captar a Imagem Que o Sujeito Tem do Outro e do Mundo?

O sujeito está sempre em relação com o outro, seja o outro como discurso, ou o outro como sujeito. Será, pois, na concepção do modo de organização do discurso enunciativo elaborado por Charaudeau, na Semiologia, que acreditamos existir uma metodologia de análise que simplifica uma avaliação do modo linguístico de como o sujeito cria uma imagem do outro, de si e do mundo. A Semiologia é uma corrente da AD que surgiu com o objetivo de analisar e desvelar as condições de produção e de existência dos enunciados, em geral.

Nas considerações dessa corrente, são analisados os princípios de organização da matéria linguística dependentes da finalidade comunicativa do sujeito, quais sejam: enunciar, descrever, contar, argumentar. Os procedimentos em utilizar determinadas categorias de língua com o intuito de agrupá-las em função da finalidade comunicativa podem ser agrupados em quatro modos de organização: o Enunciativo, o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo (CHARAUDEAU, 2014, p.74).

Sob a ótica do modo de organização do discurso enunciativo podemos compreender como ocorrem as relações de força na enunciação. Ao analisar os monólogos internos ou diálogos do protagonista, intencionamos verificar a polifonia interna que ocorre nos pensamentos dele; a polifonia interna por sua vez pode resultar em desdobramento de “eus” que sustentam posições ideológicas diferentes ou similares

(MACHADO, 2014/2015). Nosso propósito será, então, analisar as relações de força entre os múltiplos “eus”, as múltiplas vozes e como eles podem estar associados aos discursos de desigualdade sociais. Em suma, os objetivos do referido modo consistem em:

- ✓ Entender a relação de influência entre o locutor e o interlocutor em um comportamento alocutivo;
- ✓ Estabelecer o ponto de vista do locutor em um comportamento elocutivo e;
- ✓ Retomar a fala de um terceiro em um comportamento delocutivo.

Procedimentos de Análise

Antes de passarmos à análise do *corpus* desta pesquisa, qual seja, o romance *Infância*, gostaríamos de esclarecer/mostrar alguns dos passos metodológicos que nos guiarão nesta análise.

A metodologia empregada nesta pesquisa será realizada por meio de um constante movimento teórico de vai-e-vem que empreenderemos entre alguns conceitos de Pêcheux (1995), Charaudeau (1992) e Bakhtin (2002). Não se trata de um proceder aleatório, mas de operar uma bricolagem (em seu bom sentido) que reúna certos pontos incisivos de teorias discursivas, pois, acreditamos, uns podem vir a complementar outros.

Partiremos para o estudo da perspectiva polifônica e dialógica, de Bakhtin, que acreditamos estar presente nas formações discursivas, de Pêcheux, que contêm nos discursos de G. Ramos, em *Infância*. Adotaremos, aliás, conceitos vindos do *Modos de organização do discurso enunciativo* postulada por Charaudeau (1992, 2008)

Iremos, pois, atentar-nos ao comportamento elocutivo, do modo supracitado, que pode ser observado no fio do discurso com o intuito de analisar como o sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo. Os pontos de vista, de acordo com o linguísta francês, podem ser especificados como (CHARAUDEAU, 2014, p. 83):

1. O ponto de vista do modo de saber que demonstra a maneira que o locutor tem o conhecimento sobre determinado assunto.
2. O ponto de vista de avaliação no qual se tem a maneira de como o sujeito julga determinado assunto e/ou o enunciado.

3. O ponto de vista de motivação que especifica a razão pela qual o sujeito é levado a realizar alguma atitude ou enunciado.
4. O ponto de vista de engajamento que mostra o grau de adesão do sujeito.
5. O ponto de vista de decisão que especifica o estatuto do locutor e o tipo de decisão que o ato de enunciação realiza.

A desigualdade social narrada nas memórias de vida de Graciliano Ramos

No romance autobiográfico de Ramos, *Infância* (2008), o autor narra as suas lembranças de quando era uma criança. É possível perceber que essa narrativa de vida se torna um discurso sobre as injustiças que ocorriam com ele e com outras pessoas em seu convívio. Nas memórias narradas, compreendemos haver um entrecruzamento das memórias infantis com o ponto de vista, a visão de mundo do autor em tempo atual da escritura do romance. Somos levados a inferir que, possivelmente, o autor se utiliza das memórias do passado para (re) afirmar – ou até mesmo, analisar – seus posicionamentos atuais acerca de determinado tema, que por sua vez, observamos manifestações de diversas vozes sociais.

Nas afirmações de Machado (2014), em uma autobiografia ou narrativa de vida há um encontro entre o “eu” do passado com o “eu” do presente. Nesse entrelace entre os dois “eus” do autor, observamos múltiplas vozes que dialogam no discurso narrativo, vozes sociais que são incorporadas no âmago do sujeito e que podem revelar consciências ideológicas do autor.

Em alguns fatos narrados, notamos como a identidade do romancista se desdobra em diversos “eus” que são repletos de outras vozes. Trata-se de uma experiência vivida por Ramos quando foi com um amigo ver um cadáver de uma mulher negra que morreu queimada em sua choupana quando tentou salvar uma imagem de santa dentro de casa. Muito angustiado com a imagem, ele narra o acontecido para sua família:

Arrepiava-me, repetia a descrição, excitava-me tanto que meus pais tentaram acalmar-me, reduzir o sinistro. Não havia motivo para a gente se aperrear. Fora uma infelicidade, sem dúvida. Mas era a vontade de Deus, estava escrito. E podia ser pior, muito pior. Se se tivesse queimado a igreja, ou a loja de seu Quinca Epifânio, a mais importante da vila, o dano seria tremendo. Deus era misericordioso: contentava-se com uma habitação miserável, situada longe da rua, e com o sacrifício de uma preta anônima. Não me convenci. A loja de seu Quinca Epifânio e a igreja não tinham nada com o negócio. Eu não vira incêndio na igreja nem na loja de seu Quinca Epifânio:

vira uma choupana destruída, e a choupana crescia, igualava-se às construções de tijolo. Seu Quinca Epifânio e padre João Inácio estavam vivos. Se tivessem morrido no fogaréu, não seriam mais nojentos que a negra (RAMOS, 2008, p. 80).

No excerto acima notamos que a morte da mulher negra causou grande emoção no autor, porém, ao chegar a casa e contar sobre o ocorrido, os pais tentaram acalmar o menino, dizendo que podia ter sido pior, poderia ter sido alguém “mais importante” como o padre ou o dono da vendinha da cidade. Nos argumentos utilizados pelos pais de Ramos, estamos diante de uma FD que acredita que o ocorrido somente aconteceu pela vontade de Deus, assim deparamos com uma FD religiosa.

Essa FD religiosa discursiva que a morte da mulher fora de vontade divina, não tendo, portanto, nenhuma relação com as atitudes humanas. Nessa FD podemos inferir diversas vozes que a atravessam, como por exemplo, as vozes da igreja que defendem que tudo só ocorre por decisão divina. Como a FD é heterogênea, podemos compreender, aliás, uma voz contraditória que enuncia sobre a responsabilidade humana nas consequências das ações dos sujeitos. Com o intuito de elucidar essa última voz, podemos assimilar que a desigualdade social está relacionada com o ocorrido, já que a mulher morta morava em uma casa que não era feita de tijolos, já que era uma choupana. Se ela morava em uma casa simples feita de folhas, um dos possíveis motivos era a falta de bens financeiros para conseguir adquirir uma propriedade feita de tijolos. Dito isso, o ambiente ao qual ela vivia tinha indícios de perigo: material de fácil combustão associado com o uso de velas, já que nessas propriedades não havia eletricidade.

Porém, pode ser mais viável para a sociedade adotar uma FD que coloca a responsabilidade de algumas mortes em Deus, do que assumir que são as próprias ações dos homens que influenciam nas vidas dos outros. Nesse sentido, a FD de desigualdade social também aponta para um desdém dos pais sobre a morte da mulher, pois se tratava de uma “preta anônima” em uma “habitação miserável”. Fato esse que não provoca empatia pelo ocorrido, pois era uma pessoa “invisível”, “insignificante” para eles, estava à margem da sociedade. Por outro lado, se pessoas “importantes” morressem, como o padre ou o comerciante, e se seus estabelecimentos fossem incendiados, aí sim, provavelmente acarretaria em comoção pública.

Contrapondo às ideias dos pais, surge a voz de Graciliano para afirmar que a choupana da mulher se igualava às construções de tijolos. Ou seja, para ele, a casa

simples da mulher teria o mesmo valor que a igreja e o comércio. E mais, se o padre ou o comerciante tivessem morrido, os cadáveres deles não são seriam superiores aos da mulher: seriam iguais. Nesse sentido, verificamos outra FD no fio do discurso que evoca uma voz social que é internalizada pelo autor, no qual considera a igualdade entre os seres humanos, não importando a classe social ao qual eles pertencem, afinal, na morte, todos se igualam.

Nesse excerto, percebemos como as vozes sociais estão presentes em formulações de pensamentos sobre o outro: para os pais do autor, a mulher é menos importante que outras pessoas; já para Ramos, a mulher tem valor igual. Pensando na Semiologia, estamos diante de um comportamento elocutivo, no qual o autor expõe o seu ponto de vista sobre o ocorrido e demonstra que tem conhecimento da desigualdade social que o rodeia, visto que o romancista sabe que as pessoas são tratadas conforme sua posição social. Outro ponto de vista que inferimos no excerto é o de avaliação, pois o autor julga os discursos dos pais e se contrapõe ao pensamento deles, não concordando com a desigualdade entre os homens. Isto posto, é possível delinear a emergência de um “eu” empático de G. Ramos quanto ao incidente que ocorreu com a mulher.

Com essa perspectiva, o autor ao narrar sobre as suas memórias de vida, estão ali presentes um “eu” do presente que carrega em si diversas crenças, experiências, ideologias que se associam ao “eu” do passado. Um outro exemplo, no qual podemos inferir sobre o desdobramento do autor se dá em:

Espantaram-me a desconsideração e a frieza que envolviam essas criaturas. Não me capacitava de que a moça bonita, cheirosa, engomada, fosse de qualquer maneira inferior a d. Águeda de seu Acrísio, magra e pontuda. Também me parecia injusto dar ao velho Quinca Epifânio, engelhado e faminto, mais valor que a seu Afro, robusto e alegre. O juízo dos homens era esquisito. Bem esquisito. Contudo esse julgamento absurdo acompanhou-me. Fixou-me, ganhou raízes. Indigno-me, quero extirpá-lo, reabilitar seu Afro e d. Maroca. Duas pessoas normais [...] (RAMOS, 2008, p. 49).

Levando em consideração os conceitos da Semiologia, encontramos no excerto acima com um ponto de vista do modo de saber e um ponto de vista de avaliação. No primeiro, observamos que o modo de saber é construído pelo conhecimento que o autor tem dos discursos de desigualdade que circulam na sociedade. No segundo, a avaliação pode ser percebida devido ao modo de julgamento

que G. Ramos adota diante desse modo de saber, já que o romancista se posiciona diante dos preconceitos das pessoas com os personagens d. Maroca e Afro. Estes personagens que são casados, mas vivem um romance triplo com outro homem, que no livro é identificado apenas como “compadre”. Por apresentarem um comportamento que vai contra aos costumes dos outros na sociedade, eles acabam se tornando vítimas da hostilidade praticada por alguns indivíduos.

Consideramos que, sob a ótica do ponto de vista de avaliação, o autor repugna a discriminação das pessoas com o modo de vida do casal. Entretanto, esse não é o primeiro nem o último discurso que refuta o preconceito, vários outros dizeres já foram ditos em situações e épocas diferentes. Em contrapartida, esse discurso também é atravessado por outro que considera que o padrão de uma família deve ser formado por um casal: esposo e esposa. Inferimos também outro discurso que considera que não importa a forma que a família é constituída, todos os homens devem ser respeitados de maneira igual. Diante desses discursos que compreendemos estar presentes no trecho extraído do romance, mesmo que de maneira velada e aludida, o autor se posiciona ao preconceito com os seguintes dizeres:

“[...] fosse de qualquer maneira inferior [...]”
 “Também me parecia injusto[...]”
 “O juízo dos homens era esquisito. Bem esquisito.”
 “[...] julgamento absurdo[...]”
 “Indigno-me [...]”
 “Duas pessoas normais.” (RAMOS, 2008, p. 49).

Esses discursos não foram criados por Ramos, em algum dado momento e em algum lugar, esses ditos já foram usados por outros sujeitos. Porém, os enunciados sozinhos, sem seu contexto não adquirem sentido, mesmo já tendo sido pronunciados anteriormente. Desse modo, esses dizeres que circulam socialmente foram internalizados por Ramos e tem um sentido específico para um dado momento. Dentre as múltiplas opiniões que existem sobre o padrão familiar, o autor recruta para si o ponto de vista de avaliação de que é injusto julgar as pessoas pela decisão de seus relacionamentos e faz uso dessas paráfrases para expressar seu posicionamento.

Nessa perspectiva, há uma FD que aparece sob a forma da família tradicional com seus valores arcaicos, FD esta que se entrecruza com outra mais liberal quanto à estrutura familiar. Atravessando essas formações discursivas percebemos alguns discursos que já foram enunciados e ainda circulam na sociedade. Pensamos, pois, na

ideologia, ou na crença de que os seres humanos são iguais e não seria a sua orientação sexual ou seu gênero que determinaria a inferioridade do sujeito, e que geraria seu desprezo diante dos demais. Também podemos inferir o ponto de vista que considera que não é justo nem bom, o ato de realizar julgamentos morais de outrem.

Nesse sentido, somos levados, então, a analisar que essas ideologias surgiram em contraponto a uma ideologia existente. Ou seja, a existência de uma crença de que não há seres humanos inferiores a outros, pressupõe que em algum dado momento, houve, ou há, uma prática discursiva sobre a inferioridade aplicada à etnia, ao gênero ou à orientação sexual.

Como ilustração de discursos nos quais suas práticas consistem em enunciar sobre a inferioridade de alguns em detrimento de outros, podemos pensar na crença de que a mulher é inferior e por isso deve ser submissa ao homem, ou que os homossexuais são desprezíveis em relação aos heterossexuais. Podemos ainda fazer uma alusão às práticas discursivas que envolveram o holocausto, na Segunda Guerra Mundial, onde os judeus foram considerados inferiores a uma raça pura, a dos alemães (não judeus).

Enfim, são milhares de fios ideológicos que sustentam uma posição, um ponto de vista e/ou uma FD. Daí, compreendemos o todo complexo do dialogismo que é constitutivamente do discurso. Seria impossível pensar na linguagem como um sistema fechado em si mesmo, pois toda palavra é carregada de sentidos e ideologias que o outro transporta.

Nas lembranças de Ramos, os discursos que existem sobre o preconceito são transportados para um contexto específico que envolvem Seu Afro e D. Maroca. Os discursos sociais não individualizados para expor o ponto de vista do romancista sobre esse momento. Podemos entender que esse posicionamento se dá na idade da escritura da autobiografia, não necessariamente no dado momento da infância narrado.

Em alguns outros fatos narrados, notamos como a identidade do romancista se desdobra em diversos “eus”, que são repletos de outras vozes. Trata-se de uma experiência, ainda na fase escolar inicial, sobre a leitura de um livro de literatura do Barão de Macaúbas, que contava a história de um menino que, a caminho da escola, conversa com passarinhos. O jovem personagem do livro questiona a linguagem utilizada no livro:

Forma de perguntar esquisita, pensei. [...] O que ele intentava era elevar as crianças, os insetos e os pássaros ao nível dos professores. [...] Infelizmente um doutor, utilizando bichinhos, impunha-nos a linguagem dos doutores.

– Queres tu brincar comigo?

O passarinho, no galho, respondia com preceito e moral. E a mosca usava adjetivos colhidos no dicionário. A figura do barão manchava o frontispício do livro – e a gente percebia que era dele o pedantismo, atribuído à mosca e ao passarinho. Ridículo um indivíduo hirsuto e grave, doutor e barão, pipilar conselhos, zumbir admoestações (RAMOS, 2008, p. 108).

Notamos que os dois “eus” do romancista aí se imbricam: o “eu” do passado, da infância, e o “eu” do presente. O Graciliano Ramos do passado relembra as histórias que lia e a dificuldade de aceitar a linguagem que, até então, era desconhecida para ele. Já o Graciliano Ramos do presente analisa e faz reflexões sobre essa dificuldade. Inferimos, assim, que em seus escritos, mostram-se vozes ideológicas advindas do social e do coletivo³.

O posicionamento do “eu” do romancista é uma reflexão que se baseia no seu trabalho, o de escritor, e, portanto, possui e mostra uma ideologia que pertence ao “eu” do presente. Nesse caso, percebemos como o trabalho está imbricado nas memórias de vida do romancista, pois, ao passo em que ele vai contando os fatos passados, neles se misturam o contexto social e histórico do presente. Trata-se de uma voz ideológica que vai contra o uso de uma linguagem que o povo em geral, em seu dia a dia, não usa e que, por consequência, o menino G. Ramos pensa que poderá dificultar o ensino/aprendizagem da língua. Não é que o escritor defenda que não se deva ensinar gramática na escola, pelo contrário, ele é um autor que preza por uma escrita impecável em termos gramaticais. Mas, ao mesmo tempo, ele acredita que a linguagem ensinada deve se aproximar do uso cotidiano das pessoas e não de uma forma idealizada pelo escritor do livro que o menino-personagem de *Infância* lia, exemplificada aqui pela frase “Queres tu brincar comigo?”.

Em outros momentos na narrativa de vida de G.Ramos, também é possível identificar a crítica que o romancista faz acerca da linguagem usada para o ensino do Português, na escola. São enunciados que lhe causam muitas dúvidas:

³Alguns escritores sustentam o posicionamento de que a escrita literária deve se aproximar da linguagem utilizada no mundo real, como Graciliano Ramos, por exemplo. Outros acreditam que a escrita deve se pautar na língua culta.

[...] ‘A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raros vezes acerta – Fala pouco e bem: ter-te-ão pro alguém.’

Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta. As outras folhas se desprendiam, restavam-me as linhas em negrita, resumo da ciência anunciada por meu pai.

– Mocinha, quem é o Terteão? (RAMOS, 2008, p. 93).

Como se vê, Ramos serve-se de um sujeito-enunciador irônico para criticar a linguagem utilizada nestas aulas, e para isso relembra a dificuldade que teve para entender o significado da estrutura “ter-te-ão” em sua infância. Pelo fato de não ter presenciado o uso de tal expressão em seu cotidiano, ele acreditava se tratar de um nome próprio, o que, narrado no romance *Infância*, pode causar risos no leitor. Estamos, portanto, diante de uma situação de comunicação que não alcançou seu objetivo. O sujeito-enunciador utilizou uma expressão linguística que ele acreditaria ser entendido pelo seu sujeito-destinatário. O enunciado, porém, não foi interpretado pelo aluno, o que causou a falha comunicativa. Desse modo, na esteira da Semiologia, podemos verificar um ponto de vista de engajamento no qual G. Ramos expõe uma recusa quanto ao modo de ensino que lhe foi oferecido na escola.

É evidente que tais memórias podem ter sido reais ou não. Entretanto, o que importa é o posicionamento do romancista sobre o assunto e a imagem que ele constrói para si e para o outro deixando transparecer sua visão de mundo. Nesse sentido, percebemos que tanto o “eu” escritor crítico, quanto o “eu” professor e também um “eu” aluno de Ramos fazem parte dos trechos de *Infância* por nós destacados neste segmento. Vale ressaltar que durante alguns anos Ramos foi professor de Francês. Assim, as experiências de vida do professor que se torna escritor podem ter se misturado ou pelo menos influenciado os fatos narrados sobre sua infância.

O escritor nordestino também conta no mesmo livro as diversas violências que os negros sofriam nas mãos de seus empregadores. São várias as situações narradas dentro desse tema e nelas percebemos uma ideologia racista e de propriedade dos patrões brancos em face dos empregados negros. O pai de Ramos era um dos vários agressores que havia na cidade, como era também a figura de Chico Brabo. Este último, porém, foi uma surpresa para Ramos, pois ele o via como uma pessoa bondosa, mas que, em casa, se revelava um ser bastante agressivo. Como em uma situação, descrita

em *Infância*, na qual o menino-personagem presencia uma agressão feita por Chico Brabo ao seu jovem empregado, João. Diante disso, o romancista faz a seguinte reflexão sobre as máscaras de identidade que o sujeito manipula quando está na rua e quando está em casa:

Duas figuras me perseguiram na doença prolongada: o sujeito amável, visto na rua, e a criatura feroz da sala de jantar. As discrepâncias avultavam, acumulavam-se – e era difícil admitir que alguém fosse tão generoso e tão cruel. [...] Onde estava Chico Brabo? Qual dos dois era o verdadeiro Chico Brabo? Estarrecia-me esse desdobramento. [...] Chico Brabo parecia-me dois seres incompatíveis. Em vão tentei harmonizá-los. As lembranças multiplicavam-se, exageravam-se. Arriado na cama de lona, as pálpebras coladas, via distintamente um deles. Os ouvidos excitados na cegueira fixavam-me na imaginação o segundo (RAMOS, 2008, p. 129).

Nas memórias juvenis do autor, compreendemos sua aflição ao presenciar tamanhas violências contra o ser humano e as mudanças de atitudes/personalidades de certos seres que ele até apreciava. Desse modo, estamos diante de um “eu” julgador que expõe um ponto de vista de avaliação, pois realiza um julgamento e faz críticas às máscaras utilizadas por alguns indivíduos que constroem uma imagem benevolente de si, sociável, amigável, mas que, conforme as situações em que não precisam mais sustentar tal imagem, deixam aflorar outros “eus” contraditórios, violentos.

Considerações Finais

Na medida em que o escritor tem um projeto de escritura de uma narrativa de vida, pode haver alguns traços da realidade atual do autor implícitos ou explícitos no fio discursivo que deixam transparecer o contexto social e histórico contemporâneo, bem como as posições ideológicas do mesmo.

Nesse sentido, há um constante diálogo entre as vozes da memória do passado e as vozes do ponto de vista atual de Ramos. Ao fazer emergir as vozes da infância no romance, essas vozes são atravessadas pelas vozes do posicionamento atual. Esse posicionamento que, por sua vez, é perpassado de vozes alheias, já ditos que constituem o discurso do autor.

As desigualdades e as injustiças que são denunciadas em *Infância* deixam transparecer um “eu” de Ramos que questiona as ações na sociedade, prevalecendo, pois, um ponto de vista de conhecimento e de julgamento sobre as desigualdades que o

circundam. Denuncia, também, o fato de as pessoas de classe sociais menos favorecidas serem consideradas como objetos pelos demais, não importando quantos são mortos, assassinados, já que eles não têm valor para alguns indivíduos. E é isso que o romancista denuncia em suas memórias. É a desigualdade social, a desigualdade de valores, a desigualdade de justiça, a desigualdade na moradia.

Diante das análises apresentadas é possível verificar como “eu” do romancista nordestino se desdobra em diversos “eus” em *Infância*. Em uma ótica mais ampla, podemos inferir uma divisão entre “eu” do passado e “eu” do presente que se misturam para recontar as memórias de criança. Nesse jogo entre os “eus” na memória narrada de Ramos, identificamos outros “eus” que podem ser percebidos no fio do discurso. Estes que podem ser compreendidos como posicionamentos ideológicos, morais ou sociais. Nesse sentido, observamos nos excertos selecionados o desdobramento do autor supracitado em: um “eu” empático, que reflete e questiona as desigualdades alheias; um “eu” escritor e um “eu” professor que faz críticas aos métodos de ensino e aprendizagem; um “eu” aluno que expõe seu ponto de vista sobre a dificuldade de assimilar expressões que não fazem parte de seu cotidiano; um “eu” engajado que recusa as ideologias de preconceito e de hostilização com pessoas que não se enquadram em dados padrões da sociedade e; um “eu” julgador que avalia e delibera sobre as desigualdades, as violências e os valores.

Enfim, o diálogo entre as teorias usadas neste trabalho pode ser construído a partir de reflexões sobre o dialogismo e a polifonia, de Bakhtin, que contribuem em grande valia para a compreensão da heterogeneidade constitutiva no discurso, na FD e, principalmente, sobre a polifonia interna no sujeito, no campo da AD. Ademais, a Semiologia nos permitiu uma apreensão dos pontos de vistas “eus” de G. Ramos que são construídos tendo em base as FD produzidas nos discursos.

Referências

ABEL, C. A. S. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985, 128p.

ARAÚJO, L. M. B. M. *Discurso político, derrisão e heterogeneidade dissimulada na mídia contemporânea*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística

da Universidade Federal de São Carlos. Orientador: Professor Dr. Roberto Le Baronas. São Paulo, 2015.

BAKTHIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002.

BRUNACCI, M. I. *Graciliano Ramos: um escritor personagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CHARAUDEAU, P. Da ideologia aos imaginários sóciodiscursivos. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 185 – 208.

_____. Linguagem e discurso: modos de organização– 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2014. Nº 1 -2, 1992, p. 26-31.

ELICHIRIGOITY, M. T. P. Análise do Discurso na área de Letras. *Cadernos do IL*. Edição 34. Estudos Linguísticos. Jun. 2007.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, I. L. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. *Bakhtiniana*, São Paulo, Número 9 (1): 108-128, Jan./Jul. 2014.

_____. Percursos de vida que se entremeia a percurso/ s teóricos. In _____ SANTOS, S.P. & MENEZES, W. A. *Discurso, Identidade, Memória*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2015, p. 83-96.

MESQUITA, D. P. C.; ROSA, I. F. As heterogeneidades enunciativas como aporte teórico-metodológico para a Análise do Discurso de linha francesa. *Veredas Análise do Discurso*. V.2. 2010.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. Remontemos de Foucault à Spinoza. In _____ ; MALDIDIER, D. *D' inquietude du discours*. Paris: Cendres, 1990, p. 245 – 260.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

RAMOS, G. *Infância*. 41ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.